

Em reunião na Índia, Brics busca consolidar influência do bloco

A eleição do próximo presidente do Banco Mundial é um dos temas que devem dominar os encontros do grupo

Roberto Stuckert Filho/PR

As potências emergentes que formam o Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) se reúnem hoje e amanhã em Nova Délhi em mais um passo na busca pela consolidação do grupo como bloco unido e com influência na geopolítica mundial proporcional ao seu poder econômico. Na pauta deste que é o quarto encontro do grupo estão temas como a crise da dívida na Eurozona, que começou a afetar seu crescimento, a situação no Norte da África e no Oriente Médio, em particular na Síria, a eleição do próximo presidente do Banco Mundial, além da criação de um Banco de Desenvolvimento do Brics.

A primeira a chegar na capital indiana foi a presidente Dilma Rousseff, acompanhada de seis ministros e dois governadores. Dilma pretende realizar uma reunião paralela com o governo indiano na sexta-feira (30). A reunião do Brics, que juntos somam cerca de 25% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, começa hoje, com um jantar, e seguirá amanhã.

“Apesar de essas potências emergentes responderem por 56% do crescimento global, frente aos 9% do G7 (grupo dos países mais industrializados), elas ainda estão em busca de uma identidade comum e uma cooperação institucionalizada”, disse Brahma Chellaney, professor de Estudos Estratégicos do Centro de Pesquisa Política, com sede em Nova Délhi.

Essa situação, no entanto, não é surpreendente para a maioria dos analistas, devido às diferenças de sistemas políticos, econômicos e objetivos nacionais dos países envolvidos. Apesar disso, dizem os especialistas, é a primeira iniciativa com mesclas oriental e ocidental a fazer frente à hegemonia dos países desenvolvidos. Por isso, o mundo tem demonstrado grande interesse na decisão do Brics sobre um eventual apoio a algum dos três candidatos à presidência do Banco Mundial: o antropólogo americano de origem sul-coreana, Jim Yong Kim, presidente do Dartmouth College e apoiado por Washington, o colombiano José An-

Encontro é visto como primeira iniciativa do Brics a fazer frente à hegemonia dos países mais avançados

tonio Ocampo, ex-ministro da Fazenda da Colômbia e professor na Universidade Columbia, e a ministra nigeriana de Finanças, Ngozi Okonjo-Iweala.

O bloco de países emergentes, no entanto, não declarou até o momento a intenção de apoiar de maneira conjunta algum candidato específico para a direção da instituição financeira. “Os países emergentes desejam simplesmente um procedimento aberto e baseado no mérito”, declarou anteontem o secretário de relações econômicas do Ministério de Assuntos Exteriores da Índia, Sudhir Vyas. “Não tenho conhecimento de um possível candidato comum”, completou. O comitê executivo do Banco entrevistará os três candidatos nas próximas semanas e elegerá “por consenso” seu novo presidente em abril.

Pedido da China

A China pediu na última segunda-feira (26) para que a voz dos países em desenvolvimento se-



Dilma foi a primeira a chegar ontem a Nova Délhi, onde discutirá a criação de um “BNDES” para o bloco

ja levada em consideração na escolha do novo presidente, em um contexto de crescentes pressões pelo fim do monopólio americano na instituição.

Na semana passada, o ministro brasileiro do Comércio Exterior, Fernando Pimentel, afirmou que

o governo teria “simpatia” por um candidato latino-americano, apesar de ter indicado que Brasília ainda não tem posição definida sobre o assunto. O Brics, no entanto, está principalmente preocupado neste momento com a crise da dívida na Europa, que come-

çou a afetar o crescimento de suas economias. “Por isso, queremos reiterar nossa preocupação sobre a recuperação e a estabilização da zona do euro”, disse a diplomata brasileira Maria Edileuza Fontenelle, subsecretária-geral para Assuntos Políticos da chancelaria.

No campo político, os cinco países “estão negociando também uma condenação da violência na Síria” e “a busca por uma solução diplomática para o assunto”, afirmou. Outro ponto da agenda é o projeto de criar um Banco de Desenvolvimento do Brics, que financie projetos sustentáveis e de infraestrutura em qualquer um dos países.

O encontro de Nova Délhi, dizem os participantes, deve estabelecer grupos técnicos dos cinco governos para elaborar as bases do banco. Nesse sentido, as economias emergentes preveem firmar um acordo para facilitar a concessão de cartões de crédito para financiar exportações e um acordo para facilitar os investimentos em moedas locais. ■ AFP

AGENDA DE DILMA ROUSSEFF NA ÍNDIA

Em viagem ao país asiático, presidente discute acordos econômicos com Brics

- MAR 28**
- Cerimônia de outorga do título de Doutora “Honoris Causa” da Universidade de Delhi
 - Abertura oficial do encontro do Brics, no Palácio Presidencial
 - Jantar oficial em homenagem aos chefes de Estado/governo do Brics oferecido pela presidente da Índia, Pratibha Patil

- MAR 29**
- Reunião privada da cúpula do Brics
 - Reunião ampliada da cúpula do Brics
 - Cerimônia de assinatura de atos
 - Apresentação do Relatório de Estudo Econômico do Brics
 - Almoço oferecido pelo primeiro-ministro da República da Índia, Manmohan Singh, em homenagem aos chefes de Estado do Brasil, Rússia, China e África do Sul

- MAR 30**
- Visita ao Memorial Mahatma Gandhi
 - Encontro com o primeiro-ministro da República da Índia, Manmohan Singh
 - Cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Índia: uma nova fronteira para oportunidades de negócios
 - Reunião privada com a presidente da Índia, Pratibha Patil
 - Banquete em homenagem à presidente Dilma Rousseff, oferecido pela presidente da Índia, Pratibha Patil